

ACEPÇÕES DE TECNOLOGIA: CIBORGUES INTERPRETATIVOS E CULTURA DIGITAL

Edvaldo Souza Couto

edvaldo@ufba.br

<http://lattes.cnpq.br/0777871871325302>

Joseilda Sampaio de Souza

joseilda@ufba.br

<http://lattes.cnpq.br/5478120149101818>

Barbara Coelho Neves

barbara@ufba.br

<http://lattes.cnpq.br/7327673330074701>

RESUMO

No contexto das interfaces entre corpos e tecnologias de comunicação o objetivo do artigo é analisar o conceito de ciborgue interpretativo na constituição da cultura digital. A discussão, teórica, é centrada no tema da visibilidade dos sujeitos nas redes sociais com o fim de problematizar posturas e características adotadas pelo ciborgue interpretativo, como os processos de esvaziamento de tradicionais formas de controle da *mass medias* e as vivências plurais e dinâmicas das redes digitais. O argumento que defendemos é que o ciborgue interpretativo ultrapassa os limites da cultura de massa, inscritos especialmente na produção e controle das informações por poucos ou grupos pequenos, e se inscreve na cultura digital, por meio de intensas narrativas e interpretações de acontecimentos, produzidas horizontalmente na lógica todos-para-todos e difundidas, sobretudo, na sideralidade das redes sociais digitais. A principal conclusão é que agora, todos nós, ciborgues interpretativos na e da cultura digital, encontramos a nossa razão de ser, nossa política, destino e quimera, no fluxo das redes.

Palavras-Chave: Ciborgues protéticos. Ciborgues interpretativos. Cultura digital. Conexão e conectividade. Cibercultura.

INTRODUÇÃO

No contexto das interfaces entre corpos e tecnologias de comunicação o objetivo do artigo é analisar o conceito de ciborgue interpretativo na constituição da cultura digital. A discussão é centrada no tema da visibilidade dos sujeitos nas redes sociais com o fim de problematizar posturas e características adotadas pelo ciborgue interpretativo, como os processos de esvaziamento de tradicionais formas de controle da *mass medias* e as vivências plurais e dinâmicas das redes digitais.

O artigo está estruturado em cinco seções interdependentes. A primeira discute o homem e a técnica, a definição do humano a partir dos objetos técnicos cotidianos. A segunda aborda o caráter social da técnica e apresenta os objetos técnicos como potencializadores das relações sociais. As características e definições dos corpos híbridos são tratados na terceira seção, que problematiza a condição de sermos ciborgues e ciborgues interpretativos. Na quarta seção são observadas as relações do ciborgue interpretativo, homem resultante das metamorfoses sócio-técnicas e culturais, com as vivências plurais, dinâmicas e flexíveis existentes no contexto a cultura digital.

Com esta estrutura para o artigo, o argumento que defendemos é que o ciborgue interpretativo ultrapassa os limites da cultura de massa, inscritos especialmente na produção e controle das informações por poucos ou grupos pequenos, e se inscreve na cultura digital, por meio de intensas narrativas e interpretações de acontecimentos produzidas horizontalmente na lógica todos-para-todos e difundidos na sideralidades das redes.

O homem e a técnica

Nesta seção discutimos algumas acepções de tecnologia em certos aspectos históricos, buscando elementos que subsidiem o entendimento da tecnologia como potencialidade estruturante da sociedade.

Técnica e tecnologia são saberes que se constroem e se desenvolvem nos corpos. A civilização técnica se confunde com a humana e os corpos das máquinas e os corpos humanos se relacionam, sobrepõem e se fundem. Nesse sentido, a técnica e o humano não se separam, são produtos da cultura, frutos da história. A inteligência artificial é produzida nos moldes da inteligência humana e do contexto histórico.

O homem inventa a técnica e é por ela reinventado, diz Couto (2012). Este autor aborda as ações culturais, cognitivas e toda a mediação simbólica e dos instrumentos que constituem este fazer artificial do homem para argumentar que o artifício é natural do humano. Não existe o humano sem a técnica nem a técnica sem o humano. O corpo do homem estimula e em muitos casos serve de modelo para os corpos das máquinas e cada vez mais corpos de máquinas passam a agir, dinamizar e potencializar os corpos humanos. É possível

falar em um duplo antropomorfismo desenvolvido nessas íntimas relações entre máquinas e homens. Como destaca Primo (2007), as interações mútuas entre homens e máquinas são dadas por meio dos processos configurados da cultura tecnológica.

Pinto (2005a) esclarece que o desempenho da máquina está prefixado em um sentido virtual de ação, que foi concebido pelo seu construtor. Logo, sua inteligência artificial, materializada no dispositivo, não pode ser modificada espontaneamente. Quando ela, uma tecnologia, se modifica a si própria, ainda assim é programada pela inteligência humana para tal. E, de outro lado, os humanos não cessam de viver metamorfoses físicas e mentais por meios das máquinas. Isto significa que as relações entre homens e máquinas são interdependentes. Os humanos não podem viver sem as máquinas e as máquinas não tem como sobreviver sem os homens.

Em um primeiro momento, a técnica é a sucessão de atos que a máquina pode realizar, seja das ferramentas mais arcaicas aos aparatos cibernéticos mais complexos da atualidade, em meio à ação humana. Pinto (2005a) discute a qualidade estática e dinâmica da máquina, dizendo que ela não significa a mesma coisa quando parada e quando trabalhando de forma útil. Quando parada permanece no estado de corpo físico, resultando da imaginação daquele que a criou; quando trabalhando converte-se em instrumento de modificação do mundo. Segundo o autor, esse é um ponto relevante para a compreensão da definição de técnica, pois aqui ela assume uma “[...] posição central na reflexão a atividade criadora efetuada pelo homem no mundo.” (PINTO, 2005a, p. 136). Nessa reflexão o homem está no centro das cogitações sobre a técnica, e os escritos da história comprovam que em nenhuma época o homem deixou de agir tecnicamente. (BURKE; ORNSTEIN, 1998; PINTO, 2005a e 2005b). A técnica acompanha a história da conquista da natureza pelo homem, contudo não pode ser considerada como motor do processo histórico, pois são as relações sociais de produção que impulsionam as transformações e o modo do homem agir perante ele próprio, na relação com outros homens e com os objetos. As técnicas vão se desenvolvendo em consequência do desenvolvimento intelectual do homem conforme este vai se aproximando da essência do mundo. Diante disso, a definição de técnica não pode ser entendida como um fenômeno (aparência), já que está incluída na essência do homem, ou seja, na ação do homem no mundo em condições sociais.

A técnica, desde tempos remotos, para Pinto (2005b), sempre ajudou a definir o próprio homem, mas certamente nos períodos mais contemporâneos ela tem se mostrado quantitativamente e qualitativamente mais proeminente. Novos desenvolvimentos científico-tecnológicos, a exemplos da robótica, inteligência artificial, nanotecnologia, biotecnologia, informação do DNA e as cada vez mais novas tecnologias digitais, demonstram um domínio cada vez mais evidente da técnica no âmbito macro (sociedade) e micro (corpo humano). Essas misturas entre corpos de máquinas e humanos são essenciais para se entender os ciborgues. Falando sobre corpos ciborgues, Couto (2009) e Lima (2009) colocam que a biologia vem invadindo o mundo das máquinas. Agora é o homem que programa para ser programado. O atual nível sócio técnico do ciborgue ilustra como técnica e homem se relacionam de maneira simbiótica.

A técnica implica suas funções, maneiras de operar e toda sua constituição e funcionalidades sobre a natureza, mas também é ela, a técnica, a ação do homem por meio de uma tecnologia em relação com o mundo, situada em um fundamento social. Nesse sentido, toda e qualquer ação do homem no mundo é técnica.

A tecnologia potencializa as relações sociais

De acordo com Mattelart (2002), o termo tecnologia envolve o conhecimento técnico e científico e as ferramentas, processos e materiais criados e/ou utilizados a partir de tal conhecimento. Este conceito representa com a fluidez necessária que o atual contexto demanda sobre o assunto. As inovações tecnológicas afetam e são afetadas pelas tradições culturais de uma sociedade.

A tecnologia é a criação que reflete as exigências sociais dos homens. E os artefatos são as produções técnicas de cada grupo humano em determinada fase histórica. Essas criações não se dão de maneira isolada, elas são inventadas obedecendo à necessidade ou contingência da sociedade, seja pela posse dos instrumentos lógicos e materiais indispensáveis para chegar numa nova realização ou pela exigência desta por parte da sociedade.

Desse modo, entende-se que as tecnologias são estruturadas por uma demanda da sociedade para estruturação da própria sociedade. Isso significa, “[...] que o homem,

ao produzir as condições de sua existência, ao transformar a natureza, se apropria dela e se objetiva nela. Essa apropriação e essa objetivação geram no homem novas necessidades e conduzem a novas formas de ação.” (DUARTE, 2007, p.23). Remete-se, mais uma vez, ao exemplo da linguagem, dessa vez como objetivação genérica humana, ou seja, como uma tecnologia já estabelecida e necessária à apropriação por parte de todos os humanos para o viver em sociedade.

As tecnologias estruturam em si mesmas através da ação transformadora do homem. A elas são permitidas transformações por meio delas próprias. Neste entendimento, a tecnologia demanda outras tecnologias. No contexto mais atual, forneceu suporte para a Revolução Digital e reestruturações nas relações humanas. Exemplo disso é a massificação de redes cada vez mais complexas que exigem que todos os sujeitos se apropriem destas inovações como formas de linguagem para comunicação, representando o tecido da sociedade nesses tempos de cibercultura. Diante desse contexto, cita-se a popularização dos chamados ambientes *wiks*, *blogues*, redes sociais digitais, dentre outros.

O estágio contemporâneo da tecnologia, principalmente as tecnologias de informação e comunicação, tem aumentado as habilidades e as capacidades físicas e intelectuais das pessoas. Esta é uma das premissas da interatividade homem-computador e que nos permite observar que as primeiras ideias por trás do paradigma de uma nova tecnologia muitas vezes são semeadas décadas antes de sua ‘explosão comercial’.

As relações sociais entre os homens são necessárias no movimento entre produção e consumo, sendo, desse modo, condições sociais do homem. Nesse âmbito, as tecnologias possuem um papel essencial por estarem ao alcance, se transformarem e estruturarem a sociedade no seu percurso histórico.

Os ciborgues protéticos e os interpretativos

As tecnologias digitais culminam em mudanças de hábitos e costumes. As fronteiras entre o sujeito e o objeto praticamente desaparecem. O humano e a máquina, o natural e o artificial, o biológico e o protético se fundem de muitas maneiras. As

tecnologias têm nos proporcionado esquemas imaginários, implicações sociais e culturais. O uso das tecnologias vem criando, em muitos momentos, um híbrido entre homem e máquina, e também suscita uma condição humana - o processo de virtualização e de configuração de várias redes. Nessas redes as informações não seguem um esquema unidirecional, ao contrário, cada vez mais temos visto comunicações todos-para-todos, e um movimento de exibição estridente e borbulhante dos corpos. Nessa discussão também entra em cena a ciborgização, que nada mais é que a “[...] saída do homem da natureza na construção de uma segunda ordem artificial” (LEMOS, 2008, p.165).

O ciborgue é a junção de cib(ernético) somado a org(anismo), sendo o termo cunhado por cientistas em 1960, visando descrever sistemas auto-regulados que tinham como principais características a relação homem-máquina. A partir do início da década de 1990, os ciborgues ganham uma conotação de cruzamento de natural e artificial, como também um direcionamento ficcional (HARAWAY, 2000). A miniaturização e inovações das máquinas, a cibernética e novos processos cirúrgicos aceleraram os acoplamentos e transformaram nossos modos de ser, produzem nossa existência ciborgue.

O artificial, diferente do que imagina o senso comum, é profundamente humano. Posto isto, com base nas discussões de Lemos (2008) e Couto (2009; 2012), entendemos que a dicotomia entre o artificial e o natural perde sentido quando a questão do ciborgue é colocada como estrutural da humanidade e como característica da cibercultura. O ciborgue evidencia-se em uma realidade de mundo contemporâneo traduzido em informações, tempo real e ciberespaço. Lemos (2008) afirma que o ciborgue é capital para a cibercultura, pois ele simboliza o processo simbiótico da cultura contemporânea com o advento das tecnologias digitais.

Para analisar os ciborgues é necessário considerar tipo de hibridização. Segundo Aguiar, Martins e Paiva (2009), os corpos híbridos são caracterizados em três modalidades: o homem maquinizado, a máquina humanizada e o corpo plugado.

O homem maquinizado é aquele que maquiniza seu corpo por meio de mecanismos que vão das próteses à modificação de todo o corpo. A máquina humanizada está condicionada aos avanços da tecnologia, sobretudo da robótica, inteligência artificial (AI) e de campos da mecatrônica. Trata-se da busca incessante de

aproximar, em aspectos objetivos e subjetivos, a máquina do homem, seja na aparência física ou nas possibilidades de interação inteligente. O corpo plugado é um dos sete tipos de corpos definidos por Santaella (2007). Seu habitat é ciberespaço, estando imerso na cibercultura, e, não sendo mais possível ser explicado segundo as premissas mecânicas e dualistas próprias da visão cartesiana. O corpo plugado é aquele que é representado em um programa computadorizado.

Um outro mecanismo que pode representar a sensação deste homem plugado são os novos óculos lançados em março de 2013 pelo conglomerado de empresas da internet, o Google. O Googleless é capaz de proporcionar aumento de visão, como os outros modelos de óculos que estamos acostumados, além de também tirar fotos, telefonar com voz e vídeo, indicar localização e possibilidade de desvios por meio de GPS, enviar mensagens, ler códigos de barra de produtos e proporcionar acesso aos potencializadores de redes sociais. Este corpo plugado, altamente conectado, está relacionado ao ciborgue interpretativo.

Na discussão sobre o ciborgue, Lemos (2008) diferencia dois “ideais tipo” de ciborgue: o protético e o interpretativo. O primeiro defini-se como a simbiose entre o orgânico e o inorgânico, possui subjetividades associadas a uma combinação física do biológico e do tecnológico. Por outro lado, o ciborgue interpretativo “se constitui pela influência dos *mass medias*” (LEMOS, 2008, p. 172). Hoje podemos dizer que o ciborgue interpretativo influencia e condiciona a sociedade do espetáculo, uma vez que ele nos remete a explorar as potencialidades das redes. O ciborgue interpretativo, nos tempos atuais, que se faz presente nas redes, ao mesmo tempo que esvazia o controle do *mass media* também tem a possibilidade de se tornar visível a partir de conexões todos-todos. Em outras palavras, podemos dizer que esse sujeito não está somente conectado, mas sobretudo, se constitui como um potencial que fortalece redes, transitando numa fronteira entre a discussão do humano e tecnológico, criando e interpretando modos de viver na cibercultura. Assim, as dinâmicas pelos ciborgues interpretativos, isto é, por todos nós que vivemos entre conexões e redes, requerem posturas ativas anulando gradativamente o controle político das mídias de massas e se organizando a partir de conexões

multidirecionais, onde todos promovem as narrativas e interpretações de si, produzem e decifram acontecimentos.

A vivência ciborgue na cultura digital

Embora a condição de acesso as tecnologias não seja unânime, podemos dizer que com a presença das tecnologias digitais na sociedade o que está em jogo são as transformações espaços temporais, que tem se alterado, remodelado e inovado a dinâmica social. Vemos surgir aquilo que Bauman (2001) chamou de “modernidade líquida”.

Torna-se urgente compreender essas transformações em meio as inúmeras relações que o homem tem estabelecido com as tecnologias. As vivências ciborgues na cultura digital é uma delas.. Lemos (2008) afirma que o processo de ciborguização do corpo se constituiu pela expansão da condição humana, de sua saída da natureza na construção da segunda ordem artificial. Mas o artificial é profundamente humano. Assim, devemos pensar a ciborguização presente no “devir-ciborgue”.

Couto (2009, p.49) ao falar de ciborgue explica “[...] a robótica e a engenharia genética não trabalham separadas, seus produtos e técnicas são complementares”. De acordo com o autor, com relação à unidade micro (o homem), a questão tende a complexidade a todo o momento, deixando uma linha transitória na barreira entre a realidade do homem e da propensão do “homem produzido artificialmente”. Nesse âmbito, os desenvolvimentos tecnológicos gerados vêm extrapolando a fronteira do humano. A partir daí podemos entender o ciborgue prático e o ciborgue interpretativo como a realização do pós-humano.

As práticas que regem os corpos humanos, ou seja, o estatuto humano, são desqualificadas e requalificadas na cibercultura. Esse movimento é da ordem do interpretativo. Em todo momento, agora, é preciso interpretar, decifrar, traduzir o humano nesse modos tecnológicos de construir a festejar a existência. O conjunto desta mega infraestrutura tecnológica, que coloca o corpo dos domínios das redes de comunicação, se constitui no sistema nervoso da sociedade atual: somos todos ciborgues porque estamos todos

conectados e vivemos interpelados pela conectividade.

Nesse contexto da sociedade em redes proliferam as subjetividades dos ciborgues interpretativos. Agora os sujeitos, pelos efeitos da sua presença na rede, tem dominado, modificado e interpretado sua própria realidade tecnológica. Essas múltiplas interpretações do mundo, dos acontecimentos e de si se proliferam por meio de incontáveis narrativas, sobretudo nas redes sociais digitais. Lemos (2008) fala sobre o “ciborgue interpretativo das redes”, como aquele que tem a possibilidade de esvaziar o controle das mídias, e de fazer da sociedade do espetáculo uma realidade. O potencial opressivo das *mass media* estaria minimizado pelas dinâmicas existentes na cibercultura e pela efervescência e estridente da condição interpretativa. Não estamos mais falando do modelo um-todos, pois esses ciborgues interpretativos estão auto-organizados a partir de conexões todos-todos. O que temos visto é que a estrutura e a dinâmica do ciberespaço tem possibilitado uma potência emancipatória para os ciborgues interpretativos nas redes.

Na cultura digital o corpo físico desaparece. O que temos agora é um meta-corpo, um corpo além do corpo, um hiper-corpo por meio do qual os sujeitos, em rede, se conectam uns aos outros, narram e interpretam as suas vivências efêmeras no ciberespaço. O corpo se transforma num grande hipertexto simbiótico, se constitui no corpo-rede rizomático, aberto, não centralizado. Este corpo-rede do ciborgue interpretativo está presente nas redes sociais, nos blogues, na efervescência das comunidades e vitrines virtuais onde cada um se pavoneia. Paula Sibilia (2008) destaca que dia após dia, minuto após minuto, os fatos reais são relatados por um “eu real” que por meio de palavras, fotos, imagens, e de maneira instantânea, tem sido visível nas telas de todos os cantos do planeta.

Novas formas de sociabilidades são experimentadas com o potencial das redes pelo ciborgue interpretativo. Eles estão livres para o exercício de múltiplas personalidades. Lemos (2008, p.175) explica que os ciborgues interpretativos, ao explorar as diversas comunidades e os espaços emergentes do ciberespaço, “proporcionam emoções coletivas, identificadoras, não como indivíduo preso a identidade fechada, mas como personas de diversas máscaras”. Assim, sem um corpo físico como refúgio da

construção da identidade, esses sujeitos ficam livres para criar novos comportamentos e identidades maleáveis, deslizantes, fulgazes.

Tudo isso leva as novas questões ciberpolíticas e ciberculturais pois, em potência, essa estrutura do ciberespaço permite um fluxo livre de informações. Grupos sociais estão estabelecendo relações e multiplicando sentidos para a vida conectada por meio das vivências de ciborgue interpretativo na cultura digital. Em vez de promover o isolamento, com a alegoria do ciborgue interpretativo podemos perceber o incentivo do desenvolvimento e o crescimento de comunidades acessíveis e civicamente conectadas. As diversas culturas passam a circular de modo cada vez mais intenso nas várias redes, gerando deslocamentos, novas concepções e representações culturais, pois “toda desterritorialização pede novas territorializações” (LE MOS e LÉVY, 2010, p.74). Deleuze e Guatarri (1995) destacam que ter acesso a essa mistura cultural pode oferecer outras visões sobre determinado contexto local, pois a desterritorialização só se atualiza com novas territorializações em que o contexto local é também ressignificado. Ter a possibilidade dessa ressignificação permite que cada cultura interfira e sofra interferência das demais em velocidades intensas por meio da conectividade.

Para Costa (2008, p. 81), um dos aspectos mais marcantes da cultura digital está associado à capacidade dos sujeitos atuarem com os inúmeros ambientes de informação que os cercam. A cultura digital cresce com “os dispositivos computacionais, da inter-relação entre os homens, do relacionamento cotidiano com as máquinas e da obsessão pela interatividade”. Desse modo, a cultura digital é o cenário do ciborgue interpretativo.

Os sujeitos que estão imersos nesta cultura passam a vivenciar as potencialidades advindas do mundo digital, e, assim, podem relacionar suas inúmeras possibilidades com os contextos em que são produzidas, para que as suas práticas e as suas concepções lhes façam sentido. Esta variedade de possibilidades não está atrelada a uma cultura unificadora. Pelo contrário, como afirma Castells (1999), a cultura digital seria uma cultura do efêmero, do multifacetado, que apresenta a diversidade social e cultural. Implica processos de experiências, de vivências, que “influem diretamente sobre nossa atividade consciente, por exemplo, a necessidade de escolhas, as incertezas, as

sugestões, o risco e a tomada de decisão diante do excesso de informações, produtos e serviços” (COSTA, 2008, p.19).

As vivências do ciborgue interpretativo passam muito por esse tipo de visão e de movimento, que consistem em superar as condições técnicas de conexão. Quando aproximamos a discussão da cultura digital com as posturas e características adotadas pelos ciborgues interpretativos a fazemos compreendendo-a como um movimento. As dinâmicas vivenciadas pelos ciborgues interpretativos se constituem como movimentos abrangentes que podem potencializar a vida na cultura digital.

Esses movimentos são sempre abrangentes porque o ciborgue interpretativo, plenamente integrado a cultura digital, não se limita apenas ao uso de novos equipamentos e produtos. Sua razão de ser é participar, questionar, produzir, transformar, opinar, narrar, compartilhar minuciosamente e de modo integral a vida em rede. Tudo isso gera um movimento que culmina na mais festiva e criativa produção de conhecimento. É preciso, pois, destacar, que esses comportamentos, baseados na produção e compartilhamento de saberes, sinalizam diferentes e fecundos meios de fazer educação. O ciborgue interpretativo não consome interpretações prontas e produzidas por alguns profissionais. Ele é o sujeito que, conectado, interpreta, compartilha e age no mundo, ou seja, nas múltiplas culturas das redes. Produzir, socializar, comunicar, portanto, são ações que educam, porque agora, cada vez mais, a educação depende desse fazer ativo e colaborativo.

O cidadão ciborgue, sobretudo o interpretativo, que tem a possibilidade de superar o controle das mídias, ao estar permanentemente conectado, rompe com a lógica da *mass media*. A articulação das diversas redes cria e estruturam interpretações e comunidades de interesses. Em outras palavras podemos dizer que a medida que esse sujeito se comunica, interage, se organiza em torno de objetivos e interesses comuns, cria novos hábitos, valores, costumes e comportamentos. Essa cultura em torno de comunidades de interesses implica relações pessoais, sociais e afetivas, sempre compartilhadas.

Algumas conclusões

O que percebemos é que a condição de sermos todos ciborgues interpretativos nos faz habitar alegremente o ciberespaço. A partir daí podemos tirar muitas conclusões, das quais queremos destacar três.

A primeira conclusão é que o ciborgue interpretativo resulta do estágio atual dos hibridismos homens e tecnologias digitais. Esses acoplamentos, que acompanham a própria história da civilização, são redimensionados na cibercultura a partir da vida conectada. A conectividade produz o sujeito narrador de si e interpretativo dos acontecimentos em tempo real. É em rede que cada um passa a existir, soluciona problemas, decifrar os enigmas e difundem as alegrias da vida conectada.

A segunda conclusão é que a vida conectada faz de todos nós ciborgues interpretativos e isto significa que, por meios das nossas fecundas e intermináveis narrativas, habitamos o espaço público da internet. É aí que todos nós nos tornamos agentes produtores e difusores de saberes que influenciam, condicionam e transformam a vida digital. A liberdade de criar, a produção incessante de narrar, as interpretações sobre a conectividade, sobre os hibridismos a cada instante experimentados, sobre os modos espetaculares e espetacularizados de ser, assim como os hábitos de compartilhamento, constroem e multiplicam os sentidos da nossa cibercidadania.

A terceira conclusão que destacamos é que a nossa condição de ciborgue interpretativo revela que as relações entre homens e máquinas, casa vez mais íntimas, não se reduzem a algumas experiências aqui ou acolá. Agora vivemos todos o contínuo da rede, o movimento sideral que supera antigas diferenças e fronteiras e nos inserem em meio a redes complexas, flexíveis, dinâmicas, paradoxais.

No ciberespaço o ciborgue interpretativo tem a possibilidade de agir de forma diferenciada. A condição de se colocar em rede e na rede faz com que cada um de nós, conectado uns aos outros, viva colaborativamente. Tal política quebra a hegemonia de um único discurso e mesmo de poucos discursos produzidos por intelectuais ou profissionais especializados e nos projeta no vasto mundo das interpretações que nós mesmos produzimos, interpretações estas que pulverizam as opiniões e tecem, ao mesmo tempo, a pluralidade narrativa na nossa vida conectada. Aquele antigo cidadão

consumidor passivo, típico da cultura de massa, transforma-se em um cibercidadão hiperconectado, que interage cada vez mais com redes e ambientes de comunicação digitais. De consumidor de informações, passa a ser produtor, articulador e difusor de saberes. É assim, pelas ações promovidas por meio da conectividade, que produzimos as alegrias da vida coletiva que não cessa de ser compartilhada em inúmeras redes tecidas por nossas infindáveis narrativas. Desse modo, o politicamente instituído para por incessantes transformações porque tudo é problematizado e cada interpretação dos acontecimentos interpela em cada um de nós outros processos criativos, diferentes narrativas. Agora, todos nós, ciborgues interpretativos na e da cultura digital, encontramos a nossa razão de ser, nossa política, destino e quimera, no fluxo das redes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, T. J. P.; MARTINS, A. V. ; PAIVA; C.C. *Os humanos, os ciborgues e a realidade virtual no cinema de ficção científica*. In.: Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, 2009. Disponível em:<www.intercom.org.br/papers/.../2009/.../R4-2325-1.pdf> . Acesso em: 10 mar de 2013.

COUTO, E. S. *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagógicas e políticas do pós-humano*. Salvador: Edufba, 2012.

_____. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana V. *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BURKE, P.; ORNTEIN, R. *O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 1ª v. 1999.

COSTA, Rogério. *A cultura digital*. São Paulo: Publifolha, 3 ed, 2008.

DELEUZE, Gille; GUATARRI, Felix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, vol.1, 1995.

- DUARTE, N. *Educação escolar: teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue. In: TOMAZ, Tadeu (org.). *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulinas, 4ª ed, 2008
- LEMOS, A.; LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.
- LIMA, H. L. A. Corpo cyborg e o dispositivo das novas tecnologias. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana V. *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- MATTELART, A. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.
- PINTO, Á. V. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, v.1, 2005a.
- _____. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, v.2, 2005b.
- PRIMO, A. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- SANTAELLA, L. *Culturas e Artes do Pós-Humano: Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2 ed, 2003.
- SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOBRE OS AUTORES

Edvaldo Souza Couto possui graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1985), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998) e estágio de pós-doutoramento em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente é professor Associado na Universidade Federal da Bahia, no Departamento de Educação II. Estuda principalmente os seguintes temas: estética; corpo e tecnologia; sexualidade e tecnologia; filosofia da técnica; educação, comunicação e tecnologias; cibercultura e novas educações, software livre, leitura e escrita na era digital, currículo e formação de professores; redes sociais na internet.

Joseilda Sampaio de Souza possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (2008), mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (2011). Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC/UFBA). Atuante, principalmente, na área de Educação, Comunicação e Tecnologia nos

seguintes temas: Inclusão digital, Cultura Digital, Formação de Professores, Software Livre, Educação a Distância e Moodle

Barbara Coelho Neves possui graduação em Biblioteconomia e Documentação (ICI-UFBA - 2006), mestrado em Ciência da Informação (PPGCI-UFBA - 2010), Doutoranda em Educação Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. Ministra disciplinas sobre Elementos acadêmicos e profissionais em C&T, Temas especiais em C&T, Educação e TIC, Gestão de TI, Políticas de transferência de informação, Metodologia e Estratégia de busca com ênfase em fontes de informação eletrônica e letramento. Desenvolve atividades ligadas ao apoio à pesquisa, atuando principalmente nos temas: Sociedade da Informação, tecnologias e sociedade com foco na relação: Inclusão Digital; Mediação e Cognição.